

Tem Aquela do...



“São outros Quinhentos”

A expressão “são outros quinhentos”, todo mundo sabe é uma expressão nacional que, no final das contas, significa: “é outro assunto”. Mas, qual a origem da expressão?

Não sei se a origem da expressão que chego ao meu conhecimento é a verdadeira, porém é bem provável que se aproxime da autêntica.

A verdade, sem dúvida, é que se trata de uma expressão muito velha, tanto que, se o gente for aprofundar a observação, veremos que a expressão original é “são outros quinhentos mil réis”.

Quem me chamou a atenção para o fato foi um amigo que ao ouvir-me dizer “são outros quinhentos mil réis”, observou, de modo astuto:

— Menora, cara! Tás com o vocabulário barroco. Mete uma correção monetária nesta tua fala. “São outros quinhentos mil réis”, já era. Hoje o negócio já deve estar na base de “são outros quinhentos dólares”.

Mas vamos à origem da curiosa expressão! Havia, numa cidadezinha perdida no interior do país, um cara muito vivo, muito malandro e inventivo, transcribido, de nome Hilário.

Hilário, apesar do ter vivido na década de 30, era o que se podia chamar de “cuca fresca”. Viva de expediente, como se dizia à época. Hilário dava golpe a torto e a direito. Trabalhava não era com ele. Tal verbo ele jamais conjugou e nem pensava em conjugar.

— Trabalhar pra quê? — dizia Hilário, com o pato inflado de orgulho — Se trabalho desse no brezo, burro de carga andava com o lombo cheio de medalha.

E se a mulher sugaria: — Hilário, faz um concurso pro Banco do Brasil, homem! Quem sabe, Deus te ajuda e tu pega uma vaga de vigia noturno?

— Eu? Trabalhar? Olha minha filha, enquanto houver oitavo pra alegrar minha vida, eu não pego no balante nem pra pagar promessa!

Mas, é bom que se diga, para elucidação da história, que Hilário jamais aplicava seus golpes na localidade onde morava. Já, naquela época, sabia que “malandro que é malandro, livra a cara do vizinho”.

Mas um dia, não sei se por acaso, Hilário resolveu agir na vizinhança. Um belo dia, pela manhã, ele saiu-se com esta:

— Seu Vintão, eu vou viajar amanhã. Vou até Lajeado. Viajem rápido. Vou a cavalo... — E o senhor não tem medo? Estrada coserta... — Tenho não. Eu não levo valioso. O dinheiro que eu tenho são quinhentos mil réis, que eu deixei guardados com Levíno.

Clay que eu não tinha deixado dinheiro nenhum com o Levíno. Ele estava era armando a muetra. Tanto estava que, somamente, ele saiu da porta em porta, evadindo a todos, que ia a Lajeado a cavalo e por precaução, havia deixado a quantia de quinhentos mil réis sob a guarda de Levíno. Isto era dito em tom desinteressante, como se fosse um assunto corriqueiro. E todos, menos Levíno, ficaram sabendo que Hilário ia viajar, deixando a cidade quantia sob guarda do amigo, vilma Inocente de Hilário.

Viajou. Dias depois voltou e, de imediato, foi à casa de Levíno.

— Levíno, vim buscar meus quinhentos! — Que diabo de quinhentos é esse? — Que eu deixei guardados com você! — Você tá d’ó por aí.

E a confusão estava armada. Hilário chamou todos as “testemunhas” — aqueles a quem ele dissera que havia deixado quinhentos mil réis sob guarda do Levíno — e todos confirmaram.

A coisa esquentou o fio parar na Polícia.

Padre Batista, confessor do Levíno, sabia que Hilário estava de “armação” para cima do pobre homem. E o tranquilizou:

— Deixe, filho, na hora da sacareção estarei presente para tomar a sua defesa.

Todos para a delegacia. Cara a cara, uma a uma, as testemunhas iam afirmando que realmente ouviram de Hilário, antes de viajar, que ele, Hilário, havia deixado quinhentos mil réis sob a guarda de Levíno. A certa altura o padre pediu a palavra:

— Hilário, você está enganado. Você não deixou quinhentos com Levíno; os quinhentos você deixou guardados foi comigo.

E foi exatamente aí, que Hilário “faturou” em cima do padre.

— Foi não, seu padre. Esses quinhentos que eu tô falando, eu deixei com o Levíno mesmo. Os do senhor são outros quinhentos. Depois não vá negar também.

Chico Anísio

A vida é curta. Curta a vida.

Faça um Seguro de Vida e Accidentes Pessoais na Sul América.

Rua Torquato Bahia, 4 - 6º andar
Tel.: (071) 242 3129

SUL AMÉRICA
SEGUROS

Nº 06043

Novos fatos sobre a batalha na Baía de Todos os Santos

José Augusto Berbert

Na matéria que publicamos recentemente, intitulada “Uma Batalha Naval na Baía de Todos os Santos (em 1864)”, apresentamos notas obtidas no Consulado dos Estados Unidos, em documentos ali existentes e nas correspondências das consules ao Departamento de Estado.

Agora, alguns historiadores mandaram-nos novos dados, obtidos em livros e artigos brasileiros, não dizemos que esclarecem os fatos, porém dando outros versões, igualmente mercedoras de crédito, e melhores informações sobre pontos obscuros.

O maior conhecedor daquele episódio histórico é, sem dúvida, o professor Waldir Freitas de Oliveira, da Faculdade de Filosofia da UFBA. Waldir, meu colega da Turma Madrugada, fomentou que eu não houvesse contado a ele o que estava escrevendo matéria sobre o assunto, porque me daria muitos subsídios. É que Waldir, um professor que honra a UFBA, mandou comprar, no Departamento de Estado, por preço elevado, cópia de toda a correspondência dos consules norte-americanos na Bahia, desde a fundação do consulado, em 1809, até o dia 31 de dezembro de 1889. São nove tomos de filmes que para serem lidos necessitam ser projetados numa tela.

A primeira cópia que Waldir me esclareceu foi que os navios “Flórida” e “Wachusset” não eram apenas a vela, como disse o diretor da Usica, John P. Dwyer, baseado em informações do vice-consul Charles Hall, que foi oficial da Marinha. Era navio misto, a motor e a vela, simultaneamente.

O fotor José Góes de Araújo, meu amigo e vizinho há muitos anos, teve a gentileza de me enviar xerox de livros de Brás do Amaral e Arnold Wildberger, o cruzador “Flórida”, do Sul, pertencente às forças do general

ato de pirataria e afronta à nossa soberania, com charges, e páginas inteiras, umas das quais em capa. Numa das charges o comandante do “Flórida”, navio do Sul, é apresentado como “um gato lancheu” não sei se com a cara verde ou se é alusão ao então cônsul americano na Bahia, Mr. Thomas Wilson. Baseado nas informações desses amigos, com cópias dos livros e artigos anexados, a versão da batalha teria sido um pouco diferente, mas a mesma no seu conteúdo.

A VERSÃO DOS ESCRITORES BAIANOS

Segundo Brás do Amaral, Arnold Wildberger, a JAA, (que não sei identificar), o cruzador “Flórida”, do Sul, pertencente às forças do general

“Flórida” aportou em Salvador pedindo água, o que pelas leis internacionais, não podia ser negado.

O cruzador norista “Wachusset” estava ancorado em nosso porto, mas o “Flórida” pouco se incomodou por isto, certo que a neutralidade brasileira impediria qualquer agressão, como era de se esperar. Na noite de 6 para 7 de outubro de 1864 (e não em 11 de novembro), o cruzador norista atacou o “Flórida”, e, apesar da brava intervenção da corveta brasileira “Dona Juvenília” (e aqui fiquei sabendo o nome do navio brasileiro, que não consta dos documentos americanos), acabou levando rebocado o inimigo, perseguindo pelos tiros do mar brasileiro. O conselheiro Thomas Wilson foi mesmo o responsável pela empreitada ou ataque, tanto assim que fugiu, indo para “o distante arrabalde do Rio Vermelho”, onde tomou um barco e foi ao encontro do “Wachusset”, seguindo náte para seu país.

E uma versão diferente da existente no consulado, mas o certo é o que incidente foi grave e provocou revolta no Brasil. Diz Brás do Amaral, e Arnold Wildberger reproduz, que “houve enorme rebuliço na cidade e o povo amolnado nas ruas e nas praças atacou o Consulado Americano, destruindo sua tabuleta”. Sem com o Sul, o consulado ficou sem funcionar vários meses. Era presidente da Província da Bahia (hoje seria governador) o Sr. Antônio Joaquim de Mello Gomes.

O DESAGRABO

Lincoln tomou providências para desagravar a afronta praticada por seu navio. Terminada a guerra, mandou três corvetas, comandadas pelo “Niépce”, para dar satisfação ao governo Imperial. O desagravo foram os 21 tiros de canhão e o destituir das tropas por nossas ruas, como está na matéria anterior. E reabriu o consulado.

Os jornais baianos daquela época, “Diário da Bahia”, “Jornal da Bahia” e “Interesse Público”, comentaram o incidente com veemência, mas em posições contrárias, o que motivou grande polémica entre eles, segundo consta de um opusculo contendo a correspondência oficial e as questões jornalísticas a propósito da batalha entre os dois navios americanos, publicada pela Tipografia de Camillo Leites Masson e Companhia, em 1864.

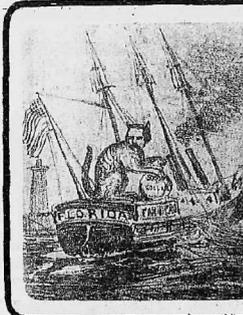
OUTRO INCIDENTE

Jose Góes de Araújo enviava-me, ainda cópia xerox de páginas do livro do famoso navegador, capitão Joshua Slocum, intitulado “Voyage of the destroyer from New York to Compahna, in 1864”.

Uma vez mais, o livro de Slocum, que não consta dos documentos americanos, acabou levando rebocado o inimigo, perseguindo pelos tiros do mar brasileiro. O conselheiro Thomas Wilson foi mesmo o responsável pela empreitada ou ataque, tanto assim que fugiu, indo para “o distante arrabalde do Rio Vermelho”, onde tomou um barco e foi ao encontro do “Wachusset”, seguindo náte para seu país.

E uma versão diferente da existente no consulado, mas o certo é o que incidente foi grave e provocou revolta no Brasil. Diz Brás do Amaral, e Arnold Wildberger reproduz, que “houve enorme rebuliço na cidade e o povo amolnado nas ruas e nas praças atacou o Consulado Americano, destruindo sua tabuleta”. Sem com o Sul, o consulado ficou sem funcionar vários meses. Era presidente da Província da Bahia (hoje seria governador) o Sr. Antônio Joaquim de Mello Gomes.

Os jornais baianos daquela época, “Diário da Bahia”, “Jornal da Bahia” e “Interesse Público”, comentaram o incidente com veemência, mas em posições contrárias, o que motivou grande polémica entre eles, segundo consta de um opusculo contendo a correspondência oficial e as questões jornalísticas a propósito da batalha entre os dois navios americanos, publicada pela Tipografia de Camillo Leites Masson e Companhia, em 1864.



Caricatura satírica ao incidente entre os dois navios americanos, publicada em “Semana Ilustrada”, do 30 de outubro de 1864. Há erros evidentes: o navio que está fugindo é o “Flórida”, quando deveria ser o “Wachusset” de acordo à versão narada. O “Flórida”, navio sulista, não hasteia a bandeira de “letras e estrelas” da União e o Fúdi da Bira, ao fundo, está solto no mar e não em terra.

Wildberger, onde a batalha é descrita, com novos detalhes, da revista Semana Ilustrada, nº 203 (de 23 de outubro de 1864) e nº 204 (de 30 de outubro de 1864), com comentários sobre a batalha, considerando um

Leo, comandante supremo dos Estados Confederados, era um célebre corário, que atacava de surpresa os navios mercantes do Norte, apreendendo suas cargas e dando pontos-dos-a pique. Vindo de Tenerife, o



Capa da revista “Semana Ilustrada” de 23 de outubro de 1864, com charge sobre a luta entre dois navios americanos num porto. Os marinheiros lutam entre si e um negro escreve diário, revoltado: “Oh! Marinha! Como consente Vossa Magestade que estes dois marinheiros americanos tenham jogar socos de fora de sua casa? De-me licença que vou secudido pela porta fora.”

A Procissão do Enterro na Semana Santa em Braga

O outro dia, num jornal daí de Braga, que a palavra mais frequentemente usada nestes últimos tempos, é “antigamente”. A respeito de qualquer coisa, lá vem a comparação com o que era “antigamente”. “Antigamente” é que era, “antigamente” a vida, etc. E, enfim, a velha nostalgia dum povo nostálgico. E foi levado por esse “antigamente” no qual estava morando na velha cidade de Braga a procissão medieval da Semana Santa cheia de militantes e de penumbra, que apenas assistia a uma das cerimônias que me diziam das mais impressionantes havidas em toda a Europa: a Procissão do Enterro, que desfilava pelas ruas do velho burgo, milenar das vezes, com toda a majestade e pompa de sua antiguidade.

Antônio Celestino

A arte do cantochão, uma das mais belas formas de toda a arte musical, que sempre teve nos “Schola Cantorum” de seus santuários um dos pontos altos de uma velha cultura europeia, das que acompanham o Enterro Santo. E que aos arcebispos luminários os arcebispos cantinhos, dando às sombras o recurso móvel das figuras comprimentadas das figurantes e a que bater sacro das muletas que iam adiante os que carregam o Cristo, nas portas das ruas de um sul inconfundível e quase trágico. E assim, nessa vaga de mistério e de solene conspécio de tristeza, que se guardaria o agosto desfilou, sempre terminado pelo alito fúido de demitido, 500 o “Peregrinos” de sua única doutrina em bordados a um, ostentando comodamente o Sagrado Lenho em precioso relicário, obra de curvas barrocas do século XVI, com seus adóculos de casaca e condãoções, punha fim e respeito. Depois, viria a “turba multi”.



Os “hermicos” (penitentes descalços) conduzindo os “hermicos” da Misericórdia para a Procissão do Enterro.

houver a procissão dos “fogarúis”, que seria impressionante se tivessem sido aqueles luzes da Índia Média, trevés por penitentes no alto de varas em que na penumbra estariam um pique, pilhas sacas de rudes lamas, enlambidas pelo contraste que não houva, no meio de tanta luz inorgânica profana, seus pobres fogachos perduráveis finalmente como chamadas numa presença ígnea.

Carregando o lenho na grande carria.

Assim era como me haviam dito, ou assim era “antigamente”, mas não tanto que pessoas ainda se lembravam e jovens não tivessem assistido a essas solidões e de livre vivessam boa e saucosa recordação. O que contam é que não são mais como eram, as assistindo agora, se descompõem em a mudança. Não é para menos, pois aquela era de autenticidade a um tempo perdido, envelheceu. A Sexta-Feira Santa, que é comemorado dia da consagração a recordação do primeiro evento de Braga e do dia em que o mercado, com seu comércio fatuando, seu mercado mercando, seus feriantes ferlando.

Quando a presença de assistir ao que antigamente teria sido belíssimo, com o silêncio garga a a unção de cada está na verdade homenagem ao Senhor Morto, certo de que Braga conserva muito das belezas urbanas ainda mergulhada em história e religião, com suas ruas de nomes evocativos, como Congosta dos Marchantes, Rua do Píloho, dos Biscaínhos, das Caganetas, da Capataria, dos Gatos, de Jónicas, da Judicaria, da Triperia, do Cabido, nome que já eram antes do Brasil ter nome, que aliteramente espelha nelas o nome.

A vela 54, com seus tecidos bizantinos e seus jónicostrius, as firmadegas que ajudaram a firmar Portugal o Cabido que ainda utiliza o luto barrocassem em seu culto, pois a mais antiga que as lites carolíngias que mandam nelas as luzes que começaram com o primeiro bispo e que por isso mesmo consagram seu prelado como “primaz das Hespanhas”, a solena fé que não Roma ousava contrariar, a beleza plástica de suas estandartes voltava, a quantidade de sacerdotais existentes no templo, em uma longuíssima tradição consecutivamente observada, mil anos de desfilado sacro, tudo a serviço dum crença puríssima, levam-me a acreditar que tudo se conjuraria para que fosse verdade o que se anuncia.

For hántes a presença de assistir ao que antigamente teria sido belíssimo, com o silêncio garga a a unção de cada está na verdade homenagem ao Senhor Morto, certo de que Braga conserva muito das belezas urbanas ainda mergulhada em história e religião, com suas ruas de nomes evocativos, como Congosta dos Marchantes, Rua do Píloho, dos Biscaínhos, das Caganetas, da Capataria, dos Gatos, de Jónicas, da Judicaria, da Triperia, do Cabido, nome que já eram antes do Brasil ter nome, que aliteramente espelha nelas o nome.

Dizem que não podem perder a horda de turismo, notadamente galago, que enche as praças de fúmbus e as ruas de éndios compridos que vão aproveitar o Portugal de feriantes e pilhas sacas de rudes lamas, enlambidas pelo contraste que não houva, no meio de tanta luz inorgânica profana, seus pobres fogachos perduráveis finalmente como chamadas numa presença ígnea.

Memo porcuo, agora, empalhados pelas ruas do destitido, alto-falantes roufentos propagam retico do música de órgãos gravação e que durante o destitido fizeram ouvir um mau declamador dizendo muitas versos na hora mais impírica e no mais desagradável dos sons.

LEMBRANDO OS PENITENTES

Nos atos desse solene evento, no dia anterior.

UMA GRANDE ROMARIA

Os “hermicos” (penitentes descalços) conduzindo os “hermicos” da Misericórdia para a Procissão do Enterro.

Mas isso era “antigamente”. Talvez não seja possível fazer a volta, mas o que não será certamente uma indignidade deixar que se veja, dentro dos muros de Cidade dos Arcelipais, a que foi até há poucos anos, a mais sentida, garga e clássica, das manifestações religiosas portuguesas.